

RÁDIO FARROUPILHA S.A.

Helei S. Machado

(Original em 3 atos de Erico Casser)

Rádio Farroupilha

1º ATO

Director

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA, FUNDIR COM MUSICA SUAVE, DE PREFERÊNCIA CANÇÃO FRANCESA, CANTADA POR JAQUELINE FRANCOIS. A MUSICA COMEÇA SEM APLAUSO PARA EM SEGUIDA PASSAR A B/C.

Heitor - Jorge, hoje não vai ao clube?

Jorge - (2º plano) Que horas são?

Heitor - Quase nove e meia da noite. Até que você se acordete, venha aqui ao clube com grande atraso.

Jorge - (2º plano) Não tenho vontade alguma de ir ao clube hoje.

Rosah - Nesse caso por que vai, meu filho? Quem o obriga?

Heitor - O compromisso assumido com os parceiros. Quem se mete em grupo de jogo, não pode, depois, faltar.

Rosah - Ora, não há de faltar quem queira substituí-lo.

Heitor - Não é a mesma coisa. Quem está habituado com um parceiro, extra-ordinariamente, sempre ouzina, por melhor que seja. Alex disse... que é que o Jorge vai ficar fazendo em casa?

Rosah - O que ele gosta de fazer: ouvir a eletrola, comodamente sentado numa poltrona de gabinete.

Heitor - Rosah, por favor, não desvie seu filho de cumprir a palavra em palavras. Quando a gente assume um compromisso, não pode faltar a ele, custe lá o que custar. (P.T) Vá se vestir, meu filho.

Jorge - (2º plano, contrateito) Está bem, mamãe, eu vou.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE ARRASTAM E BOMEM.

Rosah - Sabendo, ele está sem vontade nenhuma de ir e você o obriga.

Heitor - É claro, Jorge, afinal, vai completar vinte dois anos e precisa se habituar a ter noção do que sejam os compromissos de um homem.

Rosah - Ele tem tantos como estudante, e nunca faltou a nenhum...

Heitor - Mas é uma razão para que não se habitue a proceder de maneira diferente. Alex disse, você precisava ver a diferença que ele faz lá, entre os amigos. Não parece a mesma pessoa.

Rosah - É aqui em casa continua o mesmo casmurro de sempre.

Heitor - Pois é, mas lá você até iria surpreender-se de vê-lo. Conversa com todos... ah... conta anedotas... Não parece o mesmo Jorge que quando habituado a vir. Eu fico só de longe, observando-o. Não me aproximo para que ele não se constranja.

Rosah - É uma pena que eu não possa ver isso com os meus próprios olhos! Não que duvide da sua palavra, mas pelo prazer que eu sentiria, vendo-o, pelo menos uma vez, alegre e expansivo. Infelizmente, não é hábito das senhoras, aqui, frequentarem o clube à noite...

Heitor - É principalmente na sala de jogo.

- Rosah - Sabe o que me deixa intrigada, Heitor? É que ele sempre foi um menino alegre, conversador e irrequieto. Travesso, até. De repente... sem que se soubesse por que, tornou-se quieto, irritado e exaustivo. Sabe que eu às vezes fico pensando se ele não teria tido um choque aqui dentro de casa?
- Heitor - Qual nada! Afaste essa ideia da cabeça. O doutor Campos já nos disse que essas mudanças são muito comuns quando eles deixam de ser rapazes para se tornarem homens.
- Rosah - Eu não vou muito por essa teoria do doutor Campos, não. Continue a pensar que houve um choque muito grande na sua vida e que foi aqui, conosco, porque é só perto de nós que ele fica assim.
- Heitor - Não acredito. Muito mais provável seria o fato dele se ter apaixonado por uma pecuena qualquer e ter sido mal sucedido na sua primeira experiência amorosa. Isso sim, e nem ver, seria uma coisa que poderia ter influido na sua transformação.
- Rosah - Mas não foi, porque mesmo que ele não nos dissesse nada, a gente, por fora, haveria de saber. E você sabe que eu lhe falei sobre isso e ele me disse que não?
- Heitor - Mas quem lhe garante que ele tenha dito a verdade? Em geral, os rapazes, na idade em que ele está, não costumam confessar os seus fracassos amorosos porque se sentem humilhados e ofendidos no seu amor próprio. Prefere sofrer em silêncio a sua decepção.
- Rosah - É, pode ser que ele tenha conseguido esconder de todos e nada tenha transpirado nem mesmo entre os seus amigos e colegas. É pena porque se ele quizesse se abrir comigo, eu procuraria em tudo o que poderia confortá-lo e tenho certeza de que ele haveria de se sentir melhor.

CONTRA REGRAS - PASSOS DE HOMEM QUE VEM DE LONGE E SE APROXIMAM.

- Heitor - Eu já disse a você que não é preciso você se preocupar tanto...
- Rosah - (cont.) Cuidado! Não de assunto que ele aí vem.
- Heitor - (olho, distrajando) Não veio o homem consertar o aquecedor?
- Rosah - (olho) Veio, sim. Disse que era fuligem no cano. Agora está funcionando perfeitamente bem.
- Jorge - (peito) Estou pronto, papai. Quando quiser...
- Heitor - Ah, que já vamos tarde. Além disso o meu carro está na oficina e ainda temos que andar até ao ponto para apagar um taxi.
- Rosah - Você não vai lavar o casaco, meu filho? A noite está muito fria.
- Jorge - (olho) Não é preciso, mãe. Este sweater é grosso e de mangas compridas. E depois, nós vamos e voltamos de automóvel...
- Rosah - Está bem, meu filho, faça como quiser. Eu só lembrei a você para evitar que apereça algum resfriado.
- Heitor - Vamos de um vez, Jorge. (TOM) Boa noite, Rosah.
- Rosah - Boa noite, Heitor.
- Jorge - (peito) Boa noite, mãe.

Rosah - Boa noite, meu filho. Não me dá um beijo? (Pausa. Beijo) Deus os acompanhe.

CONTRA REGRA - PASSOS DE DOIS HOMENS QUE SE AFASTAM.

Heitor - (afastado) Não nos espere acordada que hoje temos torneio de bridge e naturalmente vamos voltar muito tarde.

Rosah - (projetando) Está bem. Boa sorte para vocês, então.

CONTRA REGRA - FECHA PORTA AFASTADA.

OPERADOR - GOBENA MUSICAL - RELOGIO DE TORRE, AFASTADO, BATE A BADALADA.

Jorge - (meia voz) Veja, papai, quatro horas da manhã e mãe a dormir sentada numa cadeira à nossa espera, toda encolhida de frio. Isso é uma barbaridade!

Heitor - (meia voz) Você bem ouviu quando eu lhe fiz a recomendação de que não nos esperasse porque viríamos mais tarde. Ela é teimosa... insiste em esperar... que é que eu posso fazer?

Jorge - (significativo) O senhor sabe o que ambos "deveríamos" fazer.

Heitor - (sempre meia voz) Você, meu filho, não parece um rapaz inteligente. Custa tanto a compreender certas coisas... Quantas vezes será preciso que eu lhe convença de que só por você e para guiá-lo é que me sujeito a umas tantas excentricidades, como é esta, por exemplo, de me deitar tão tarde, duas, três vezes por semana, para que você tenha contato com a vida, sem o perigo de exceder-se ou desviar-se?

Jorge - (meia voz, contendo-se) Papai, eu às vezes sinto uma vontade quai irreprimível de lhe dizer umas tantas coisas, mas sou obrigado a calar-me pela receio de me exceder.

Heitor - (idem) Pois faz muito bem, porque eu não admitiria, nunca, que você me faltasse ao respeito. Tanto mais que... (transição) Cuidado! Não fale, agora, que sua mãe está acordando.

Jorge - Eu vou subir para o meu quarto. Boa noite.

Heitor - Boa noite. Durma bem.

CONTRA REGRA - PASSOS LEVES QUE SE AFASTAM E SOMEM.

Rosah - (depois de um longo suspiro) Ué?... Vocês já chegaram? Eu nem senti o ruído da porta. Jorge onde está?

Heitor - Subiu para o quarto agora mesmo.

Rosah - Ele não querera um cafésinho bem quente? Posso prepará-lo em dois minutos.

Heitor - Não acredito que queira. Ele se alimentou, antes de vir.

Rosah - E você? Quer alguma coisa?

Heitor - Não, obrigado. Por que você não foi se deitar? Eu lhe avisei que viríamos mais tarde...

Rosah - Não posso me deitar enquanto vocês estão fora. É uma tolice minha, eu compreendo, mas habitual-me a proceder assim e não consigo mudar.

Heitor - É pena, porque além de ficar mal acomodada, fica ainda exposta ao frio, sujeitando-se a apagar um resfriado. Você deve estar enregelada.

- Rosah - Estou, realmente. Os pés, quasi que nem os sinto.
- Heitor - Si ao menos apertasse uma coberta e envolvesse nela as suas pernas, já estaria mais abrigada.
- Rosah - Não tem importância. Agora eu me feito, me abrigo bem e em seguida me aqueço. Como é que foi o torneio? Tudo correu bem para você?
- Heitor - Bem, sim, mais ou menos; não fui lá muito bem. O Jorge, sim, se saiu de esplendoroso.
- Rosah - Deve estar contente, então?
- Heitor - Ah, sim, contentíssimo. Pelo menos, lá, parecia estar.
- Rosah - Vejamos se ele me conta alguma coisa amanhã.
- Heitor - Si você não lhe perguntar... talvez nem lhe toque ao assunto.
- Rosah - É melhor que eu pergunte, sei que muito pouco ele falará. (Pausa) Diga-me, Heitor: ele na rua, quando está só com você, é alegre? Conversa?
- Heitor - Alegre não posso dizer que seja e conversar... sempre conversa um pouco mais do que em casa.
- Rosah - Se pergunte isto, porque às vezes penso que a implicância dele possa ser comigo.
- Heitor - Que tolice, Rosah! Porque ha de você pensar uma coisa dessas? Nessa caso também poderia ser comigo.
- Rosah - Mas se você me diz que a coisa com você, na rua, ele sempre fala um pouco mais... está provado que com você não é.
- Heitor - Fala porque eu o obrigo a isso. Faço-lhe tantas perguntas, que embora ele responda a todas lacônicamente, acaba tendo mesmo que falar.
- Rosah - (um suspiro) Eu não sei mais o que fazer para ajustar os nossos relógios.
- Heitor - Não precisa fazer nada porque isso passa. Você deve se lembrar que foi o médico quem nos afirmou que, quando menos esperarmos, ele voltará ao que era antes. (TOM) E agora vamos tratar de dormir, que já são quatro e meia da manhã.
- Rosah - Quatro e meia?!... Meu Deus, que tarde!... Não pensei que fosse tanto! Vamos dormir, sim.

OPERADOR - CORPINA MUSICAL.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

- Jorge - Bom dia, mãe. (beijo)
- Rosah - Bom dia, meu filho. Como se foi do torneio ontem? Bem?
- Jorge - Mais ou menos.
- Rosah - Bem, pai me disse que você ganhou?
- Jorge - É... parece que ganhou.
- Rosah - Como parece? Então você não sabe si ganhou ou perdeu?
- Jorge - É que eu joguei três partidas.
- Rosah - Sim, mas a o que tem isso? Você deve saber si ganhou todas ou perdeu alguma; não sabe?

- Jorge - Não tenho bem certeza.
- Rosah - Mas meu filho, não é possível! Si você não quer me contar é diferente, mas dizer que não se lembra do que se passou ontem à noite, eu não posso acreditar.
- Jorge - Por que?
- Rosah - Porque não posso, meu filho. Não acho razoável.
- Jorge - E o que é que a senhora acha razoável?
- Rosah - O que é normal, o que é comum...o que acontece sempre com todos em todos os dias.
- Jorge - E porque todos procuram se lembrar do que se passou ontem, a senhora não admite que eu procure esquecer?
- Rosah - Não é que eu não admito, meu filho. Acho estranho porque ninguém é assim.
- Jorge - (irritado) É por que ninguém é assim, a senhora acha que eu sou obrigado a ser como todo o mundo?
- Rosah - (paciente e amorosa) Não, meu filho, também não é isso. Você não quer admitir a minha natural extranheza porque está irritado e mal disposto; portanto... o melhor é não falarmos mais no assunto. Quer que lhe sirva o seu café agora?
- Jorge - Não. Vou tomar o meu banho primeiro. Ou a senhora acha que todo o mundo toma primeiro o café?
- Rosah - Não, meu filho, eu não acho coisa alguma. Só penso é que devemos procurar viver na maior harmonia para que a vida não se torne amarga quando pode ser boa. Se nos desculparmos e nos respeitarmos, mutuamente, teremos encontrado a fórmula de bem viver que é das coisas melhores que podemos proporcionar a nós mesmos.
- Jorge - E quando a gente quer viver bem e os outros não deixam porque entendem que bem é a maneira como eles acham que nós deveriamos viver?
- Rosah - Meu filho, você está querendo censurar a nossa maneira de ser com relação a você, eu sinto. Esta bem, censure-o; mas faça-o com clareza, diretamente e sem insinuações ou censuras veladas. Quem sabe si você se resolvesse a fazer isso, não viriamos a nos entender melhor? Eu, de minha parte, estimaria muitíssimo, acredite. Afinal... vivemos juntos quasi todas as horas do dia e no entanto há uma distância tão grande entre as nossas almas que, por mais que eu me esforce, não consigo vencê-la. Quem sabe si hoje você fala claramente com a mãe e diz a ela tudo que lhe desagrada? Geralmente, quando a gente está assim irritado, tem mais coragem de dizer as coisas que acha que vão ferir os outros; aproveite e diga mesmo aquilo que você acha que pode lhe ferir porque lhe sãofiança que não se magoa mais do que esse desajuste e essa incompreensão em que vivemos. (TOM) Você tem alguma queixa de mim? (Pausa) Palle, meu filho. (Pausa) Por que não fala, você? (Pausa) Digo se tem, meu filho, diga.

Jorge - (depois de pausa, lutando e sofrendo) Mãe, a senhora quer fazer o favor de me deixar em paz? (vai se exaltando) Parece uma gralha, falando... falando... falando... Eu não posso mais! Estou cansado de ouvir a sua voz, entendeu? Ela me irrita. Quero estar calado e não posso porque todos, dentro desta casa, entendem que eu devo ser diferente e devo conversar. Não quero falar, não quero! Quero viver em silêncio! Si a senhora acha que devemos nos respeitar mutuamente, respeite esse meu desejo e não me dirija mais a palavra.

Rosah - (humilde) Está bem, meu filho, desculpe. A mãe não fez por mal. De hoje em diante procurarei...

Jorge - (corra, afastando-se, bruscamente) Chega, mãe, chega! Decididamente a senhora hoje quer me enlouquecer!...

CONTRA REGRA - PASSOS FORTES QUE SE APASTAM E PORTA QUE ABRE E FECHA FORTE.

Rosah - (quando a porta bate) Coitado do meu filho! Como está nervoso!... Mas ele agora vai melhorar, com certeza. Esse desabafo há de fazer-lhe bem.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Heitor - E quando tudo isso aconteceu, Rosah?

Rosah - Hoje de manhã, na hora em que ele desceu para tomar o seu café.

Heitor - Pois vou falar com ele agora mesmo e o obrigar a vir pedir desculpas a você pelas coisas todas que lhe disse.

Rosah - Não, Heitor, por favor não faça isso; eu lhe peço. Compreenda bem que eu não estava fazendo queixa a você, estava apenas contando o que aconteceu. Si você fôr exigir de nosso filho que me venha pedir desculpas, ele vai achar que eu fui me queixar a você e isso aumentará a sua animosidade contra mim. E eu não quero isso, Heitor, não quero. Já me sinto tão infeliz por não encontrar a maneira de atraí-lo ao meu coração... si ainda mais o afastasse, nem sei.

Heitor - Mas eu não posso concordar em que ele não seja advertido pela sua atitude insólita, Rosah e mesmo porque, si não lhe encurtarmos as rédeas, dentro de muito pouco tempo estaremos sem forças para sustentá-lo.

Rosah - Mas Heitor, pelo amor de Deus! Você não compreende que vai afastar ainda mais o meu filho de mim? É isso que você deseja?

Heitor - Não, mas você também está errada na sua maneira de se conduzir. Si não consegui aproximá-lo pela cordura, não há de ser deixando que ele a espesinhe que você conseguirá atraí-lo. Experimente uma outra maneira de agir. Proceda com ele como eu procedo. Impondo-se. Impondo-se sempre e nunca desculpando-se. Talvez ele venha a ser outro com você.

Rosah - Você acha, sinceramente, que si eu mudar a minha maneira de tratá-lo que ele ficará mais satisfeito comigo?

Heitor - Não posso ser certeza absoluta, mas pelo menos...

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

Rosah - (meio tom) Cuidado! Mude de assunto que ele aí vem.

Heitor - Mudar de assunto por quê? Não senhora. Vamos continuar no mesmo assunto. Jorge terá que me explicar a razão do seu comportamento diante de você.

Jorge - Boa tarde.

Rosah - Boa tarde, meu filho.

Jorge - Que quer o senhor que eu explique, meu pai?

Heitor - A razão porque se alterou com sua mãe.

Jorge - Perfeitamente, eu explico. (exaltando-se) Advirto-lhe, porém, que o senhor não vai gostar de ouvir as minhas razões, porque eu vou botar as cartas todas na mesa, entendeu? Vou dizer tudo aquilo...

Heitor - (curta, forte) Você não vai dizer coisa alguma. Vai fazer, apenas, o que eu exijo que faça e que é pedir desculpas à sua mãe pelas grosserias todas que você lhe disse. (Pausa) Vamos, Jorge. Você não vai fazer o que eu lhe mandei? (Pausa) Jorge, eu estou falando com você. Não vai pedir desculpas à sua mãe? (Pausa) Não vai pedir?

Rosah - (medrosa) Heitor, deixe-o socegado. Não faça...

Heitor - Cale-se, Rosah. Este é um assunto para ser tratado por mim e por meu filho. (frizando) Você não vai pedir desculpas à sua mãe, Jorge? (Pausa) Não vai, não é?

Jorge - (depois de pausa, com esforço e revolta) Desculpe, mãe.

CONTRA NEGRA - PASSOS FORTES QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA PORTE, AFASTADA.

OPERADOR - DEPOIS QUE A PORTA BATE, ENTRA FORTE COM CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - ABERTURA DO SEGUNDO ATO.

Rosah - Heitor, eu achava conveniente que você subisse ao quarto de nosso filho, para sondar o seu estado de ânimo, depois daquele incidente de ontem.

Heitor - Você não estava ainda com ele? Ele não desceu para almoçar?

Rosah - Não quis descer. Mandei-lhe a bandeija com o almoço e ele a devolveu quasi intacta. Você poderia arranjar um pretexto qualquer para...

Heitor - (coçando) Não vou arranjar pretexto nenhum. Simplesmente si ele não descer para o jantar, vou lê em cima saber o que é que há.

Rosah - Ele não vai descer. Já me avisou que não.

Heitor - Como avisou? Você não disse que não esteve com ele o dia todo?

Rosah - Não o vi, porque ele não me abriu a porta, mas falei ligeiramente com ele através dela.

Heitor - Ah! Então você esteve lá e ele não lhe abriu a porta?

Rosah - Foi.

Heitor - Naturalmente você chegou, como sempre, cheia de atenções e de cuidados; não foi?

Rosah - Cheguei com a maneira que é minha e que eu sempre tive, Heitor. Não sei ser diferente.

Heitor - Pois dessa maneira você nunca conseguirá nada com seu filho. Eu já lhe mostrei que ele tem que ser levado a grito. De outra maneira não vai.

Rosah - Mas como é possível que eu grite com um rapaz tão revoltado e que sem ter o menor motivo contra mim, já me trata como si eu fosse sua inimiga? Você não quer compreender que si eu proceder dessa maneira acaba rei por afastá-lo definitivamente, Heitor?

Heitor - Bem, você proceda lá como entender, mas que na minha opinião você está errada, está. (Pausa e tom) Então ele não quis descer para o almoço e já lhe avisou que não vai descer para o jantar?

Rosah - Foi.

Heitor - Pois eu lhe mostro como ele vai descer e agora mesmo.

CONTRA REGRA - PASSOS FIRMES QUE SE AFASTAM.

Rosah - (afrita, projetando) Heitor, por favor, Heitor! Não seja violento com ele.

Heitor - (afastado) Eu sei como devo proceder, não preciso que você me diga.

Rosah - (depois que os presos se somem, meia voz, afrita) Meu Deus, valei-me! Eu já não sei mais o que faça para quebrar o gelo do coração de meu filho! Esforço-me, desdobre-me, desmancho-me em atenções e carinhos e ele cada vez se torna mais inacessível!

CONTRA REGRA - (3º plano) BATIDAS FORTES NA PORTA.

Heitor - (3º plano também, enérgico) Abra a porta, Jorge. Eu preciso falar com você.

Rosah - (1º plano, meia voz) (afrita) Heitor está batendo na porta do quarto dele. Será que ele vai abrir?

CONTRA REGRA - NOVAS BATIDAS FORTES EM 3º PLANO.

Heitor - (forte, em 3º plano também) Você não ouviu o que eu disse, Jorge? Abra



abra essa porta.

Rosah - (1º plano, meia voz, abafada) Meu Deus, que angústia! Que desespero pa-  
ra o meu coração! Ele não vai abrir.

Heitor - (forte, 3º plano) Si você não abrir esta porta imediatamente, Jorge, eu  
vou arrastá-la.

Rosah - (1º plano, abafada) Que horror! Será que ele não abre mesmo? Heitor é  
rapaz de...

CONTRA REGRA - RUÍDO DE ABRIR PORTA EM 3º PLANO. PAUSA CURTA. FECHA A PORTA.

Rosah - (num suspiro forte de alívio) Graças a Deus que ele abriu! ~~X~~ Eu já não po-  
dia mais de tão nervosa com a situação. (Pausa e tom) Esse rapaz tem que  
estar muito doente dos nervos; não é possível uma coisa dessas! Eu e o  
pai procuramos fazer tudo para que ele se sinta feliz e no entanto a im-  
pressão que se tem é de que os ~~meus cuidados~~ e atenções cada vez o  
tornam mais revoltado. Eu agora já tenho até meio de lhe dirigir a pa-  
lavra. Seus olhos fixam-se quando se fixam nos meus. É triste confessar,  
mas na momentos em que eu sinto que ele tem ódio de mim. Si pudesse...  
acho que até me espancaria. E agora que ele deve estar com a impressão  
de que eu me queixei ao seu pai pelo que ele fez... irá estar, certamente  
muito mais hostil e agressivo. Eu às vezes chego até a pensar si não lhe  
teria contado uma mentira qualquer a meu respeito... há tanta gente mal-  
vada neste mundo que não seria de admirar que tivessem feito isso. A  
verdade é que eu não posso continuar nesta angústia que me asfixia e  
que me vai matando aos poucos. Eu preciso ter um entendimento com meu  
filho. Preciso conversar com ele. Hoje, si ficarmos os dois sós... ~~X~~

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE EM 3º PLANO. PAUSA. FECHA PORTA. PASSOS DE DUAS  
PESSOAS QUE DESCEM ESCADA E SE APROXIMAM.

Rosah - (meio tom, ansiosa) Ah, vem Heitor de volta. Será que o convenceu a des-  
cer?  
(Pausa) Parece-me que sim. Si não me engano são duas pessoas que vem  
descendo.

Heitor - (vindo com os passos - 2º plano) Pronto, Jorge desceu para jantar com  
nós. (1º plano) Pode mandar servir, Rosah.

ONETADOR - CONTINA MUSICAL RÁPIDA.

Heitor - Rosah, você me desculpe ter que levantar da mesa antes que você termine  
o seu cafésinho, mas tenho uma remissão da diretoria do Banco às oito e  
meia e estou quasi na hora. Tenho apenas o tempo suficiente para apagar  
o automóvel e chegar até lá.

- Rosah - Não tem importância, Heitor. Não se atrase por minha causa.
- Heitor - Jorge fará companhia a você até que você termine; não é meu filho?
- Jorge - O que, papai? Não ouvi o que o senhor disse.
- Heitor - Eu disse à sua mãe que você fará companhia a ela até que termine o seu café; ou não fará?
- Jorge - (depois de pausa, contrafeito) Farei, papai.
- Heitor - Bem, então com licença e boa noite para vocês.
- Rosah - Boa noite, Heitor.
- CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM.
- Rosah - (projetando) Não se esqueça de apanhar o capote no cabide que está muito frio lá fora, Heitor.
- Jorge - (que se irritou com a recomendação) Ufff!
- Rosah - (meiga) Que foi, meu filho? Contrariou-lhe a recomendação que fiz a seu pai? (Pausa curta) É que está frio, realmente, lá fora, ele poderá esquecer o capote e apanhar um resfriado.
- Jorge - (ná vontade) E se apanhasse? Resfriado é doença incurável?
- Rosah - Não, meu filho, sabe-se que não, mas qualquer doença é desagradável e o melhor é sempre evitá-las.
- Jorge - Para mim nada é mais desagradável do que ~~me~~ ouvir recomendações.
- Rosah - É, sim. Você não deixa de ter razão. Eu compreendo perfeitamente isso porque, quando tinha a sua idade, também me sentia irritada quando seu avô ou sua avó me faziam qualquer observação. Só não lhes retrucava porque, como mulher, fui educada naquele antigo regimen de absoluta e total obediência.
- Jorge - Regimen que - diga-se de passagem - só lhe tem prejudicado.
- Rosah - Você acha isso, meu filho?
- Jorge - Acho.
- Rosah - Pois eu não penso como você. Pelo contrário. Acho que só tem me trazido benefícios.
- Jorge - Quais? Pode me dizer?
- Rosah - Você acha que si não fôsse a humildade e a obediência que me ensinaram a ter que eu teria podido viver em paz com seu pai, gostando ele, como gosta, de ser tão independente e autoritário?
- Jorge - Si a senhora scubesse impor os seus direitos...

- Rosah - Viveríamos em rixas constantes dentro desta casa que deixaria de ser um lar para ser um inferno, meu filho.
- Jorge - Mas si a vida no paraizo é igual à que se vive dentro desta casa, talvez que no inferno ela seja menos monótona e aborrecida.
- Rosah - Que horror, meu filho!... Você detesta a tal ponto a vida de nossa casa!... Por que? Diga.
- Jorge - Não adianta dizer.
- Rosah - Como não adianta? Adianta, sim. Si você se resolver a ser franco, uma vez ao menos, talvez possam se modificar, aqui, todas as coisas que lhe contrariam. Agora... si você persistir em não querer falar, elas continuarão como até agora porque advinhar não nos é permitido.
- Jorge - A senhora acha que si eu ~~abrigasse~~ ~~uma~~ ~~sentença~~ de esperança de poder modificar a vida desta casa que eu já não teria falado? Claro que teria. Si deixo que tudo continue como está, é porque sei, de antemão, que seria inútil eu tentar modificar qualquer coisa aqui dentro.
- Rosah - Mas meu filho, ouça: você não deve desanimar, antes de encetar a luta. Experimente, dizendo ao menos uma das coisas que você acha erradas.
- Jorge - Tudo está errado. Tudo!
- Rosah - Mas assim não é possível um entendimento, meu querido. Eu estou procurando ir ao seu encontro e você está se furtando de vir ao meu...
- Jorge - Sabe o que mais, mãe? O melhor é não falarmos mais neste assunto e deixarmos as coisas como estão. E com licença que eu vou subir ao meu quarto.
- CONTRA REGRA - ABRASAR DE CADEIRA - JORGE VAI SE LEVANTAR DA MESA.**
- Rosah - (rápida) Fique só mais um instante, meu filho, que eu ainda quero lhe dizer uma coisa.
- Jorge - Eu já lhe disse, mãe, que não adianta estarmos a discutir uma coisa que não tem remédio.
- Rosah - Mas é sobre outro assunto que eu vou lhe falar, meu filho.
- Jorge - (depois de pausa, impaciente) Está bom. Diga, então.
- Rosah - Meu filho, eu sei que seu pai foi reclamar de você a maneira como você o tratou; não foi?
- Jorge - Foi.
- Rosah - Sei, também, que ele obrigou você a vir me pedir desculpas.
- Jorge - Obrigou.

Rosah - Não sabe, eu queria falar justamente sobre isso. Não queria que você pensasse que eu fui ao encontro de você, entende?

Jorge - E se tivesse ao encontro de você não teria? Estava no seu direito; não estava?

Rosah - Mas você poderia ficar ressentido comigo e eu não desejaria, nunca, que acontecesse. Diga-lhe mais...

Jorge - (certamente o exalado) Não diga mais nada, pelo amor de Deus! Se foi para isto que me fez ficar mais um pouco, melhor fora que me tivesse deixado voltar para o quarto. E depois ainda afirma que quer consertar as coisas erradas, quando a maior errada é a senhora mesma.

Rosah - Mas meu filho, deixe-me explicar...

Jorge - (corta, crescendo) Não lhe deixe explicar coisa alguma. As suas explicações só poderão servir para me deixar ainda mais irritado. O que a senhora fez está feito e as palavras não modificam as consequências do gesto.

Rosah - Mas eu não fiz nada mais do que contar a seu...

Jorge - (no auge do desespero, crescendo, sempre, em desespero e irritação) Cale-se, pelo amor de Deus! Não me diga mais nem uma palavra que a sua voz não consiga tirar-me do desespero. A senhora é horrível com as suas constantes lamúrias e a sua eterna humildade.

Rosah - (voz de choro, abafada) Meu filho!...

Jorge - Não sabe fazer outra coisa, senão atirar-se ao chão para que lhe pisem em cima, rastejando... rastejando sempre, como se fosse uma lesma!

Rosah - (chorando mansinho, mas bem audível) Meu filho!...

Jorge - O que é a senhora, afinal? Uma mulher ou um molusco? (exultando-se ao ponto de gritar forte) É demais! É demais! Eu não aguento! Não posso! Não tenho forças! Sinto que a razão vai me fugindo e que a senhora vai enlouquecendo... (transição brusca, como quem se atira chorando aos pés de alguém) Oh, mãe, mãe!... Não me deixe enlouquecer de desespero! Não me deixe afogar por tanta angústia!... Não me deixe continuar a olhar para a senhora, buscando razões a mulher e achando um razão por mim!... Eu sou seu filho e quero ser seu amigo! Quero adorá-la e venerá-la como todos os filhos adivinos e veneram suas mães! Não me afaste definitivamente da senhora, por favor! Já estamos tão distantes um do outro e eu quero tentar com isto! Eu sou seu filho e a senhora é minha mãe. Quero que ser amigo! Preciso ser amigo, mãe!... (salvo sempre)

Rosah - (chorando) Mas si eu não desejo outra coisa, meu filho querido! Juro-lhe que não desejo sinão isto....

Jorge - (sempre chorando e angustiado) Mas a senhora me afasta com essa sua maneira de ser. Não me conformo com a sua cordura. Revolta-me a sua servilidade. Sempre submissa... sempre mansa... sempre covarde... Sim, mãe, é o que a senhora me afigura ser: uma covarde tão grande que prefere sujeitar-se às afrontas mais humilhantes, a ter que lutar para manter a sua integridade. Ninguém é assim, mãe, ninguém! Só a senhora! Uma mulher que se pressa, não deixa, nunca, que a enxovalhem da maneira como a senhora é constantemente enxovalhada! E em vez de revoltar-se, de gritar os seus direitos de exigir e de impôr que lhe seja prestado o respeito que lhe devem, ~~o que faz a senhora?~~ permanece calada e sorri, indulgente. A senhora não tem nervos? Não sente? Não sofre? Tenho esperado, inutilmente, em todos estes anos, uma reação da sua parte. Cheguei mesmo a provocá-la, escrevendo-lhe uma carta anônima onde lhe contava as petifarias todas de papai, mas a senhora continuou calada e indulgente. Não posso tolerar uma mulher assim, não posso!... A minha natureza ou o meu temperamento - sei lá - não aceita essa mulher, nem mesmo quando ela seja a minha própria mãe! (Pausa, soluço) Vamos, mãe, reaja! Sacuda a sua inércia e o seu conformismo, si me desça ao seu lado. Talvez ainda haja tempo de reconquistar-me, mostrando-se corajosa, digna e desassombrada! Salve-se, eu lhe imploro, dessa miséria moral em que se afunda aos poucos e salve-me também, com a senhora. Eu já não posso mais suportar essa angústia em que me afogo! Não posso, mãe, não posso!... (chora ainda em soluços alguns tempos) Não posso!

Rosah - (ao sinal do diretor, chorosa, porém mais calma) Filho!... Quanto tens sofrido!... Chora, meu querido, chora! Faz bem ao coração que sofre, deixar correr o pranto que alivia. Parece que o amargor da nossa alma se derrama pelas lágrimas que choramos. Podes chorar à vontade, meu amor! O essencial é que consigas abafar, no pranto, o fogo de revolta que te queima o coração. Chora à vontade, filho, chora. Quando estiveres mais calmo, conversaremos.

Jorge - (fala entrecortada de soluços sem lágrimas) Já estou mais calmo, mãe. Já podemos falar. Eu precisava lhe dizer essas coisas todas que me

queimavam os lábios, para aliviar o candal inenso de amargura que me envenenava a alma. Agora já falei... já diasse tudo... sinto os meus nervos menos tensos.

Rosah - Muito bem. Vamos conversar, então. Quer dizer que você sempre esteve a par das piratarías todas do seu pai?

Jorge - Sim. Uma vez o surpreendi em flagrante e, desde então, naturalmente com a intenção de garantir o meu sigilo, ele começou a me forçar a acompanhá-lo nas suas orgias. (TOM) A senhora acreditava que realmente íamos sempre ao Club, para jogar bridge ou cartas, as duas ou três vezes por semana que saíamos à noite?

Rosah - Não, meu filho, nunca acreditei.

Jorge - E não tinha uma palavra para ~~impedí-lo~~ Um gesto ~~para~~ impedir? Um artil qual quer para nos prender em casa?

Rosah - Não tinha, meu filho, porque, no meu modo de sentir, concretizada ou não a traição, ela já estava feita desde o momento em que havia ~~uma~~ ~~palavra~~ ~~de~~ ~~ela~~. E além disso, si ela deixasse de ser praticada porque eu os tivesse impedido, que valor teria, para mim, a sua não realização, si o desejo de concretizá-la continuaria vivo no coração de vocês?

Jorge - Não posso concordar com o seu conformismo, mãe, não posso! Ele se me afigura uma covardia intensa da sua parte.

Rosah - Mas não foi por covardia que assim procedi, meu filho, asseguro-te. Agites terá sido por heroísmo e abnegação. Eu sabia que você acompanhava seu pai nas suas orgias constantes e embora sofrendo muito mais com a sua traição do que com a dele, ainda era por você que eu calava e sorria indulgente. É que eu acreditava que você procedesse assim por amizade e caridade com seu pai e que poderia vir a sofrer vendo-o desprezado por mim. E só por isso fingi ignorar tudo e a tudo calei. (Musa e tom) Foi por você, meu filho, só por você que eu recalquei no fundo de minh'alma a revolta do meu amor próprio e o clamor da minha dignidade.

Jorge - (Depois de pausa) E por ele, o que teria feito a senhora?

Rosah - Abandonado para sempre esta casa, no mesmo dia em que constatei a sua infidelidade.

Jorge - Pois então, mãe, si lhe basta o meu amor e a minha lealdade, faça isto hoje mesmo que eu a acompanharei.

Rosah - Espere, meu filho; não se precipite. Pense bem, antes de tomar qual quer resolução. Veja que vai trocar uma vida despreocupada e onde nada lhe falta, por outra onde tudo será medido e contado. Eu não poderei lhe proporcionar mais do que aquilo que a herança de seu pai me permitir.

Jorge - Não importa. Trabalharei de dia e estudarei à noite, mas desde que não me falte o incentivo do seu amor e do seu carinho, eu estarei feliz.

Rosah - Está bem, meu filho, si o que eu pensava fazer em seu benefício era a causa maior do seu sofrimento, agora já não tenho dúvidas em fazer aquilo que a minha dignidade de mulher esteve sempre a exigir que eu fizesse: hoje mesmo deixarei esta casa para sempre!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O TERCEIRO ATO.

Rosah - Você esteve com sua tia, meu filho?

Jorge - Sim, mãe. Tia Berenice está inteiramente disposta a nos receber em sua casa pelo tempo que for preciso.

Rosah - Muito bem, então não temos mais o que esperar. Vamos arrumar o que é nosso e deixaremos apenas umas linhas a seu pai para inteirá-lo...

Jorge - (corta) Ah não, mãe, deixar carta, não. Não desejo sair sem dizer-lhe de frente, que fui eu que induzi a senhora a deixá-lo por achar que ele nunca a mereceu e nem soube respeitá-la.

Rosah - Não vale a pena dizer nada, meu filho. Há orfandades para quem as palavras nada significam; entram num ouvido e saem no outro. Seu pai, infelizmente, está nesse rol. Muito mais calará no seu espírito o nosso gesto do que todas as palavras que lhe pudéssemos dizer.

Jorge - Ah não, mãe, tenha paciência! Se sairmos desta forma, parecerá que não tivemos coragem de enfrentá-lo e que estamos fugindo dele. Não, não. Vamos falar com ele e dizer-lhe todas as coisas que ele merece ouvir. A senhora e eu.

Rosah - Pois bem, para que não pareça uma fuga, o que você não quer que pareça, esperaremos então que ele chegue e eu lhe direi os motivos da nossa retirada. Mas apenas eu falarei. Você, não.

Jorge - Óra essa, que graça! Mas então a senhora quer me privar do que eu mais desejo? Dizer-lhe todas as verdades que sufoco no meu peito?

Rosah - Não, não, meu filho; eu não quero que você fale. Deixe as verdades que eu digo. Você é filho dele e, seja lá como fôr, tem o dever de respeitá-lo. (suplice) Atenda-me, filho, sim?

Jorge - Si a senhora promete que lhe fará sentir toda a sua indignidade...

Rosah - Prometo-lhe, meu filho. Tanto mais agora que posso ter a certeza de que isto lhe agradará.

Jorge - Perfeitamente. Então estamos entendidos. E enquanto a senhora estiver falando com ele, eu estarei lá em cima arrumando as malas para deixarmos hoje mesmo esta casa.

Rosah - Obrigada, meu filho! (beijo) Muito obrigada! Graças ao bom Deus que já começamos a nos entender.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Heitor - Uô! Que é isto?! Um lugar só à mesa? Por que? Vocês não vão jantar?

Rosah - Não, Heitor, não vamos jantar. Nem eu nem seu filho.

Heitor - Que novidade é essa? Isso nunca aconteceu aqui em casa...

Rosah - Tem razão. Isso nunca aconteceu, realmente, porque sempre tivemos o cuidado e a atenção de esperar por você para lhe fazer companhia ao jantar, mas acontece que de hoje em diante você passará a sentar-se à mesa sozinho, porque eu e seu filho já não estaremos mais aqui.

Heitor - Que é que você está querendo dizer com isso, que eu não estou entendendo, Rosah?

Rosah - Estou querendo dizer, simplesmente, que estamos de malas prontas para deixar esta casa.

OPERADOR - RAJADA TRÁGICA, SEM CORTAR A CENA.

Heitor - Como?! Que foi que você disse?

Rosah - Que hoje mesmo sairemos daqui, para deixá-lo em completa liberdade.

Heitor - (zanga) Que tolice é essa? A trôco de que essa bobagem, agora?

Rosah - Pense bem e creio que não lhe será difícil encontrar a razão dessa "bobagem".

Heitor - Você deve estar querendo caçar de mim; não pode ser outra coisa, mas advirto-lhe que hoje não estou para brincadeiras desse jaez.

Rosah - Não estou caçando, não, Heitor. Estou falando muito seriamente, até. Disse e repito que hoje mesmo deixaremos esta casa.

OPERADOR - nova rajada, SEM CORTAR A CENA.





não tive mais dúvidas em libertar-me desta situação humilhante à qual me prendia, unicamente, o amor de meu filho e o receio de perdê-lo.

(Pausa e tom) Pronto, agora já lhe disse tudo e você não poderá continuar a extranhar a nossa "leviana" atitude.

Heitor - (depois de pausa) Quer dizer, então, que estão mesmo dispostos a sair desta casa e deixar-me sózinho?

Rosah - Estamos. É o preço que lhe cobramos pelo seu desrespeito ao nosso caráter e pelo seu menosprezo aos nossos direitos.

Heitor - E se eu me negar a mantê-los n'outra casa que não seja esta?

Rosah - Sairemos de qualquer maneira. Trabalharemos, ambos, sem qualquer receio de enfrentar a vida. O que não podemos é continuar humilhados e oprimidos como nos sentimos aqui.

Heitor - Trabalharemos! Isso é fácil de dizer, mas na prática é bastante mais difícil de fazer do que vocês imaginam.

Rosah - Nada foi mais difícil, para mim, do que enfrentar em silêncio, em todos estes anos, a tremenda situação que você criou dentro desta casa... e no entanto eu a enfrentei sem um queixume e sem um gesto de desânimo ou de cansaço.

Heitor - (Pausa) Ouça, Rosah: você foi sempre tão cordata... tão compreensiva... tão submissa e tão mansa, por que, de um momento para o outro, esse gesto de rebeldia, desfazendo aqueles elos que me prendiam a você?

Rosah - Porque eu desejava que você estivesse preso a mim apenas por um sentimento que ficou provado estar extinto em você desde o momento em que instalou uma outra casa e passou a dividir com outras um afeto que deveria ser exclusivamente meu.

Heitor - E se eu lhe promettesse que terminaria tudo o que me prende àquela outra casa e que viveria unicamente para você e o nosso filho?

Rosah - Eu não acreditaria, Heitor, porque você não tem forças para tanto. É do seu temperamento enganar e mentir. Talvez um mês, ou um pouco mais, você resistisse à tentação de atirar-se em outros braços, mas logo se daria aos imperativos da sua natureza.

Heitor - Pois conceda-me um prazo de seis meses, para experiência, e há de ver que estou sendo sincero pedindo-lhe que fique. (Pausa) E então? Que decide?

Rosah - Não sei... não posso decidir nada sem....

Heitor - (pausa) Sem o que?

Rosah - Nada, não.

Heitor - Eu sei. Não pode decidir nada sem falar com seu filho. Pois fale com ele, Rosah. Conte-lhe tudo e diga-lhe que só agora, no momento de perdê-los, é que me acordei da embriaguez e da loucura de que estava imbuído e que não desejo trocá-los por mais ninguém deste mundo. Diga-lhe que estou arrependido de todas as extravagâncias passadas e que prometo amá-los e respeitá-los como o mereçam. Vá. Suba ao quarto de seu filho e resolva com ele. Eu ficarei aguardando a resolução que vão tomar.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE VÃO SE AFASTANDO LENTAMENTE, ATÉ SUMIREM.

OPERADOR - QUANDO OS PASSOS ESTÃO QUASI SUMINDO ENTÃO COM CORTINA MUSICAL.

Rosah - Isso foi tudo, meu filho. Agora resolva você o que devemos fazer.

Jorge - Não sei, mãe... Eu esperava uma reação completamente diferente da papai, de maneiras que estou tremendamente indeciso e sem saber como proceder. A senhora crê que ele seja capaz de regenerar-se?

Rosah - Não sei, meu filho. Não posso ter certeza de nada. Ele me pareceu sincero, mas isso não é tudo. Temos que considerar o seu temperamento.

Jorge - (resolução) A senhora quer que eu lhe diga uma coisa, mãe?

Rosah - Diga.

Jorge - Eu acho que ficamos agora para ternos que sair daqui a dois ou três meses, será, para a senhora, uma humilhação ainda maior do que a que já sofreu. Não lhe parece?

Rosah - Sim, não deixa de ter razão, mas também o seu entendimento pode ser realmente sincero e nós lhe teremos negado uma oportunidade de regeneração. É unicamente a esse ponto que a minha dúvida se prende. Não quero capitular ao seu primeiro gesto, mas também não quero ser injusta nem intransigente; compreendes?

Jorge - Compreendo, mas ainda assim, para lhe ser bem franco, eu, no seu lugar, não me exporia ao risco de sofrer a humilhação maior.

Rosah - O que equivale a dizer que não lhe daria a oportunidade que ele tenta pedir para poder provar o seu arrependimento.

Jorge - Exatamente. No entanto a senhora decida livremente, sem levar em conta a minha opinião.

- Rosah - Não, não, meu filho, eu já decidi.
- Jorge - Que vai responder?
- Rosah - O que mais vai lhe agradar: que mantenho a minha decisão anterior de abandonar hoje mesmo esta casa.
- Jorge - Espere, mãe. Não decida nada só com a preocupação de me agradar. A senhora tem que atender, antes de mim, ao seu coração. Fazendo o que ele pedir, a senhora estará resolvendo as coisas pela maneira mais certa.
- Rosah - Bem, meu filho, façamos uma coisa, então, que me parece conciliar o seu e o meu desejo: em vez de irmos para a casa de tia Borenice, viajaremos para o interior e passaremos uns dois ou três meses com a sua madrinha, na fazenda dela, lá que ela sempre nos convida e insiste. Deixaremos ~~em~~ ~~uma~~ ~~pequena~~ ~~parte~~ ~~da~~ ~~nossa~~ ~~inteira~~ ~~confiança~~ ~~encarregada~~ ~~de~~ ~~observar~~ ~~o~~ ~~procedimento~~ ~~de~~ ~~seu~~ ~~pai~~. Si durante a nossa ausencia ele conseguir manter-se completamente afastado do que tem sido ~~o~~ ~~perigo~~ ~~de~~ ~~uma~~ ~~tentação~~ ~~da~~ ~~sua~~ ~~vida~~, terá vencido a prova de fogo que lhe impusemos e aí não nos será ilícito negar-lhe o nosso perdão e voltar para a sua companhia. Si ele, ao contrário, continuar a proceder como até aqui, terá lavrado a sentença que irá decidir o seu e os nossos destinos.
- Jorge - Não há dúvida que o seu plano é interessante, mas existe aí uma outra coisa a considerar: a senhora já pensou que nesses três meses que ele vai ficar sózinho pode bem acontecer que ele se habitue à nossa ausência e não venha a fazer mais empenho na nossa companhia?
- Rosah - Pensei, sim, meu filho, mas ainda assim pareço-me que devemos arriscar. (Fausa e tom) Diga-me uma coisa: e si isso acontecesse, você sentiria muito em ter que viver o resto da vida separado do seu pai?
- Jorge - Não, mãe, acho que não sentiria absolutamente nada, porque só o fato dele nos esquecer, valeria, para mim, como uma prova de que ele não nos tinha um afeto sincero, deixando de merecer o nosso também.
- Rosah - Muito bem, si assim é... parece que o melhor de tudo é mesmo nos aguentarmos por três meses e deixarmos que o tempo resolva o que deve nos fazer mais adiante.
- Jorge - E a senhora como se sentirá, si o perder definitivamente? Ao menos tem a certeza de que não lhe fará falta o seu amor?

Rosah - Dêse que tenha o teu, meu filho querido, a vida será boa e estará sorrindo para mim.

Jorge - O meu amor a senhora o terá sempre, mas agora eu volto a perguntar: e o amor de um filho poderá pagar as alegrias perdidas pela falta do amor do esposo?

Rosah - Bem... pagar... eu não digo que pague... mas compensa.

Jorge - (depois de pausa) Muito bem. Então é esta a sua resolução definitiva?

Rosah - Você está de acordo com ela; não está?

Jorge - Inteiramente de acordo.

Rosah - Pois então... nada mais temos que pensar. Troque de roupa imediatamente e vá comprar as nossas passagens para amanhã cedo, enquanto eu vou comunicar ao seu pai o que decidimos.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Jorge - (2º plano) Mãe, o auto já está na porta à nossa espera.

Rosah - Muito bem, vamos então. (Pausa) Adeus, Heitor. Seja feliz.

Heitor - (lanço contida) Fiquem Rosah. Eu lhes peço. Sinto que não poderei continuar a viver sem vocês.

Rosah - Não podemos ficar, Heitor. Precisamos partir, precisamos.

Heitor - Mas partir... para sempre?

Jorge - (2º plano, firme) Não sabemos ainda, papai. Poderemos ficar dois meses... três... ou quem sabe para sempre ausentes. Tudo vai depender do senhor.

Heitor - (depois de pausa) Compreendo. (um suspiro) Está bem, podem ir. Eu me sujeitarei à prova que exigem de mim. Aceito-a como um justo castigo ao tremendo conflito que criei entre nós!

CONTROLE - ACORDE RÁPIDO, AUTOMÓVEL EM MOVIMENTO. NOVO ACORDE. TEM EM MOVIMENTO FUNDE COM A CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO TERCEIRO ATO.

DISTRIBUIÇÃO:

JORGE ..... Paulo Ricardo

ROSAH ..... Lourdes Helena

Heitor ..... Roberto Lís.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DOS  
SERVIÇOS DE DIVERSÕES PÚBLICAS

A *Cupido*

FOI POR MIM CENSURADA E PODE SER REPRE-  
SENTADA NOS TERMOS DO REGULAMENTO EM VIGOR

PORTO ALEGRE, / / 19

*Paulo de Barros*  
CENSOR